

Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças

Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira, Adriana Almeida Camilo e Cristina Valadares Assunção
Universidade de Brasília

Resumo

A ampliação do universo social pela inserção em novos grupos é uma característica da adolescência, propiciando a experimentação de novas alternativas sócio-afetivas, e o desenvolvimento global do adolescente. Nos contextos urbanos contemporâneos, vemos crescer as tribos urbanas, agrupamentos semi-estruturados de adolescentes e jovens com identificação comum a estilos de vida, cultura e lazer. No Distrito Federal, essa é uma significativa estratégia de agregação social. O trabalho investiga as tribos de Brasília como contextos de desenvolvimento social da adolescência e busca identificar a relação entre tribos, identidade e alteridade. Participaram do estudo 20 sujeitos (11 do sexo feminino e 09 do masculino), de diferentes regiões da cidade, entre 14 e 27 anos e identificados com alguma tribo urbana. Os tópicos abordados nas entrevistas foram: tribo como contexto de desenvolvimento social; tribo como sistema semiótico; identidade e alteridade no contexto das tribos urbanas. As análises indicam diferenças quanto à idade e ao gênero no que se refere ao papel da tribo na formação de identidade dos entrevistados. As tribos são importantes contextos de desenvolvimento, sendo o estilo musical, a imagem estética e as práticas de lazer os principais elementos definidores de cada uma; que cada tribo desenvolve mecanismos internos e externos de preservação de sua estrutura semiótica, marcando sua diferença social em relação às demais.

Palavras chave: adolescência; desenvolvimento social; grupos juvenis; identidade.

Urban tribes as a context for the development during adolescence: Peer transactions and negotiation of differences

Abstract

The involvement in novel peer groups is a main feature of adolescence. The group represents the opportunity to try novel social and affective possibilities that improve conditions for the adolescent's global development. In great urban centers nowadays, the urban tribes are described as semi-structured groupings of youngsters who share the interest for the same aspects of youth's culture related to lifestyle, culture, and leisure. The young population of Brazilia (Brazil) is constituted of broad social, economic, and geographic diversity. The urban tribes are a strategy to improve social aggregation. This paper investigates the role of the urban tribes of Brazilia as contexts for social development in adolescence, identifying the links between tribes, construction of self identity during adolescence and the sense of otherness. Participated of the study 20 subjects (11 females and 9 males), self-identified as members of urban tribes who were been contacted in public areas of Brazilia and interviewed in that context. The topics approached were: urban tribes as contexts for social development of adolescents; tribes as semiotic systems; identity and otherness in the context of urban tribes. Results indicate meaningful differences in regard to age and gender in reference to the role of tribes in the process of identity development. Music style, aesthetic elements, and leisure activities were the main aspects that define a certain tribe. Also, that each tribe develops internal and external mechanisms to protect its semiotic structure, stressing its own social image, by contrast to the others.

Key words: adolescence; social development; youth groups; identity.

Termos como transformação, conflito e separação são centrais à compreensão dos processos desenvolvimentais da adolescência. As transformações referem-se a um conjunto de processos que vão da maturação biológica à adoção de novos papéis sociais, no curso dos quais o adolescente ressignifica a si, ao outro e à realidade. Os conflitos têm relação com a necessidade premente de diferenciação sujeito/outro, que se intensifica no curso dessa fase da vida. A separação envolve um processo de paulatino distanciamento entre os adolescentes e as antigas figuras de referência, como a família e a escola, quando eles tendem a privilegiar o compartilhamento de experiências com os grupos de companheiros (Cole e Cole, 2003; Dias e Tróccoli, 1999; Santrock, 2003).

Uma característica dos contextos urbanos contemporâneos é a ampliação das demandas do mundo do trabalho sobre homens e mulheres, que tem contribuído para mudanças na dinâmica da família, reduzindo significativamente o tempo de convivência entre pais e filhos (Preto, 1994) e exigindo o desenvolvimento de redes de cuidado alternativo, na proteção das crianças. Nesse contexto, os grupos de pares parecem vir assumindo papel de crescente importância na formação da subjetividade dos adolescentes, representando, em algumas formas de atividade, seus principais interlocutores na atribuição de significado às experiências cotidianas.

O Distrito Federal, cuja população, além de jovem (30% da população tem entre 11 e 24 anos) constituiu-se basicamente por meio da migração, é marcado por ampla diversidade cultural. Nesse contexto, a formação de tribos tornou-se um fenômeno sociocultural significativo, representando uma importante estratégia de formação cultural, bem como de inserção e agregação social, especialmente da população juvenil (Abramovay e cols., 1999). O presente trabalho aprofunda a interpretação dos resultados de uma investigação em andamento, cujo foco é a configuração das tribos urbanas como contextos de desenvolvimento social na adolescência, em que se busca identificar como se articulam a formação de tribos juvenis, os processos de construção de identidade e as relações de alteridade nas relações sociais ocorridas em centros urbanos brasileiros.

Adolescência e contemporaneidade

A adolescência é uma produção social. Cada contexto sócio-histórico define uma pauta de expectativas e concepções sobre os adolescentes e a adolescência, nela incluindo aspectos fisiológicos, sexuais, afetivos, sociais, políticos e institucionais, de forma a orientar o papel dos neófitos em diferentes níveis da vida sociocultural. Além disso, aspectos religiosos, de gênero, a posição na família, a inserção de classe, e o significado relativo de cada um desses diferentes processos interferem na demarcação do intervalo entre o término da infância e a entrada na vida adulta, qualificando a duração da adolescência.

O sistema semiótico no qual se insere a adolescência, hoje, engloba características tais como jovialidade, longevidade e imediatismo, mas igualmente intransigência, irresponsabilidade, labilidade emocional e imprevisibilidade.

Apesar de esses aspectos estarem claramente associados a um enquadre da experiência adolescente circunscrita aos contextos socioeconômicos mais altos, tendem a ser elevados ao status de regras gerais. Tais regras demonstram sua fragilidade quando consideramos a diversidade de modos de vivenciar a adolescência, no contexto da contemporaneidade, quando incluímos na análise as diferenças entre os que vivem em diferentes segmentos econômicos; nas camadas populares urbanas ou rurais; em famílias estruturadas segundo diferentes configurações sociais e sexuais; no seio de minorias étnicas, religiosas e raciais.

Ou ainda se consideramos os adolescentes trabalhadores e os excluídos da escola; aqueles arrebatados pelas práticas infracionais; os portadores de doenças crônicas, deficientes físicos, sensoriais e mentais; ou quando exploramos nas análises a heterogeneidade de opções e práticas sexuais de adolescentes. A cada um desses contextos estão associadas *diferentes condições de inserção/exclusão social de adolescentes que encerram condições históricas de existência que vão determinar certas especificidades desse objeto de estudos* (Margulis, 2001: 41).

Ao mesmo tempo, como assinalam Brown e cols. (2002), a adolescência singular que se encontra em regiões muito distintas do mundo apresenta características, ao mesmo

tempo, muito parecidas. Esses aspectos devem ser necessariamente englobados na investigação da adolescência contemporânea, se almejamos uma psicologia do desenvolvimento na adolescência significativa e socialmente situada.

Grupos de pares: a especificidade das tribos urbanas de adolescentes e jovens

O dinamismo da vida contemporânea e a intensificação dos fluxos humanos parecem ter agregado maior importância aos grupos de pares de adolescentes e jovens. O grupo parece representar uma fonte de socialização menos repressiva que a família (Marques, 1996), assumindo importante papel como fonte de referência social. Entre pares, com frequência, os adolescentes são menos exigidos a negociar perspectivas e encontram oportunidade de legitimar os próprios sentimentos e visões de mundo, norteados pela intensa identificação, compreensão, aceitação pelo grupo (Marques, 1996).

O papel dos companheiros de idade próxima nos processos de desenvolvimento global dos adolescentes tem sido objeto de investigação em diferentes contextos da pesquisa na área. O estudo de Grotevant, Thorbecke e Meyer (1982) enfoca os grupos de idade como contextos de experimentação de relacionamento interpessoal. Estes autores sustentam a importância dos grupos na superação da confusão de papéis típica da adolescência (Erikson, 1987). A influência negativa que a pressão dos amigos pode representar sobre os adolescentes é investigada por Hartup (1996) e Laird, Petit, Dodge e Bates (1999), os quais assinalam que não apenas a existência de companheiros, mas suas características de personalidade e a qualidade das relações sócio-afetivas são fatores importantes a serem considerados na compreensão do desenvolvimento social do adolescente. Esses trabalhos, no entanto, são focados no contexto norte-americano e padecem de uma compreensão equivocadamente passiva do adolescente, ao enfatizarem sua conformidade às regras e às pressões do grupo, mesmo quando essas regras violam crenças e valores enraizados no convívio com a família (Lashbrook, 2000). No estudo qualitativo desenvolvido por Ungar (2000) sobre a relação entre saúde mental e 'empoderamento' (*empowerment*) de ado-

lescentes, de modo diverso, os entrevistados descreveram os grupos de pares como contribuindo para potencializar a autonomia individual, mediando a consolidação da identidade pessoal e social.

Comparadas aos grupos de pares de natureza contratual – grupos de escoteiros, equipes esportivas etc., as chamadas tribos urbanas expressam formas comuns e específicas de socialidade. Assim como os outros, as tribos representam um importante contexto sócio-afetivo alternativo. Especialmente quando o adolescente busca uma maior autonomia em relação aos pais na adolescência, os grupos de pares emergem como fontes importantes de identificação e referência comportamental dos adolescentes. Porém, uma particularidade das tribos é o caráter volátil de seus vínculos internos, o que tanto torna sua dinâmica social muito rica, como enfraquece as ligações entre os membros, comprometendo o engajamento em projetos cooperativos de maior duração (Maffesoli, 1992/2000)¹.

Maffesoli define tribos urbanas como agrupamentos semi-estruturados, constituídos predominantemente de pessoas que se aproximam pela identificação comum a rituais e elementos da cultura que expressam valores e estilos de vida, moda, música e lazer típicos de um espaço-tempo. Uma tribo define-se por uma socialidade frouxa, pela lógica hedonista e o não-compromisso com a continuidade na linha do tempo, expressa na valorização do aqui-agora (Coutinho, 2001). Ao mesmo tempo, seu caráter dinâmico e em constante transformação lhe confere um potencial criativo, inovador, que não pode ser desprezado.

As tribos são comunidades empáticas, organizadas em torno do compartilhamento de gostos e formas de lazer. Os vínculos comunitários perduram enquanto se mantém o interesse pela atividade (i.e., uma apresentação musical, uma festa ou manifestação política). Os membros da tribo se portam como personagens de um enredo imaginário (Gonçalves, 1999), o que configura sua identidade de papel, uma

1. Em relação às idéias expostas na seqüência sobre a organização social das tribos urbanas, onde não for apresentada a referência, baseiam-se nas concepções de Michel Maffesoli expressas nesta obra.

persona: para cada situação um papel e para cada papel uma identidade, que evoca a exposição de determinados elementos de subjetividade e a ocultação de outros (Maffesoli, 1920/2000).

Por outro lado, as referências simbólicas são frágeis, prevalecendo entre os sujeitos a identificação imaginária, ou seja, tecida em torno da adesão a uma imagem compartilhada (Castro, 1998).

No contexto das tribos, observa-se uma relação espaço-tempo particular. O tempo não é vivido como processo histórico, mas como uma sucessão de presentes. Cada situação apresenta uma densidade vivencial intensa, que muitas vezes não deixa rastros para as experiências seguintes, comprometendo o encadeamento temporal necessário, por exemplo, aos processos de desenvolvimento social.

Fragilizada em suas referências simbólicas, a identidade grupal é buscada em marcadores imaginários: a roupa, o cabelo, os acessórios que compõem a estética do grupo (Castro, 1998). Outras vezes, confunde-se com o território. Algumas tribos marcam sua especificidade pela ocupação e domínio de um certo recorte do espaço urbano – praças, escadas, pistas de *skate* etc. - no qual inscrevem sua marca pelo *graffitti*; pichação, presença ruidosa (Madrid, 2001; Sarlo, 1997). Em suma, as tribos urbanas são expressão do *ethos* contemporâneo (Gonçalves, 1999), representando formas de ser e estar típicas do mundo globalizado (Hall, 2000; 2002).

O compartilhamento de códigos (gírias, jargões, música, pautas comportamentais), de elementos estéticos (estilos de vestir, adornar e expressar-se por meio do corpo) e de práticas sociais (relativas ao comportamento político e às formas de lazer, de circulação e apropriação do espaço urbano e da cultura) contribui para definir a imagem social de cada tribo. A apropriação dessa imagem é o que confere aos membros a ilusão de identidade (Hall, 2000; 2002), sustentada pela aposta subjetiva de cada um na imagem de uma comunidade de iguais. A noção de identidade das tribos tem sido abordada como típica da contemporaneidade. Hall (2000; 2002) aborda a identidade contemporânea como senso de pertença ou identificação a um coletivo (grupal, institucional, social,

étnico, cultural, econômico, etc.), no qual os indivíduos encontram matrizes de ancoragem, de continuidade de si ao longo do tempo. A identidade pessoal resulta, também, da diferenciação, da emergência de formas subjetivas que escapam ao outro, por meio das quais o sujeito social constrói alternativas de singularidade.

Contrariamente, a identidade tribal privilegia a homogeneidade, a moda, fatores que garantem a coesão interna e, ao mesmo tempo, a diferenciação do que é representado como extra-grupal. Igual tensão entre o aprisionamento à história e à cultura e a autonomia para visualizar alternativas e conceber outros modos de ser e agir, encontra-se no enquadre psicológico da identidade ou senso de si-mesmo, especialmente em Bruner (1997) e Harré e Gillet (1999).

É importante salientar que as formas como esses novos grupamentos juvenis marcam sua inserção social – pela imagem muitas vezes exótica, formas discursivas próprias e pautas de comportamento singulares - expressam o modo como as novas gerações incorporam e são afetadas pelas transformações sócio-econômicas e culturais da contemporaneidade.

O nosso tempo é marcado por uma profunda crise de referências simbólicas e institucionais, capazes de dotar o comportamento do adolescente de uma estrutura normativa que oriente sua conduta individual e grupal. Em decorrência, vemos a despersonalização das relações sociais, que se tornam individualistas e competitivas, o outro sendo convertido no estranho, no diferente (Hall, 2000; 2002). Por outro lado, a redução de espaços públicos e a privatização da vida social, através do confinamento em apartamentos, carros e *shopping centers*, diminui as chances de contato entre os indivíduos, contribuindo para a tensão entre grupos (Hersmann, 1995). Também concorrem para a tensão as drásticas mudanças no campo das relações econômicas, que supervalorizam a formação, reduzindo as alternativas de emprego para os jovens, e submetendo a cidadania e o bem-estar social às relações de mercado (Canclini, 1996).

A consideração desses aspectos, aos quais se soma a carência de políticas públicas para a juventude, é necessária para que se compreenda o desenvolvimento social e a formação

da identidade por meio das experiências de alteridade, na adolescência.

Em resposta à crise de referências simbólicas e institucionais claras, e diante da dureza da realidade social, os adolescentes e jovens urbanos contemporâneos parecem buscar o sentido de si-mesmos numa imagem idealizada e ilusória do outro. Ora, nesse contexto, a diferenciação da qual depende a formação das identidades singulares torna-se empalidecida e o sujeito incapaz de se reconhecer na diferença do outro. Passa a viver com ele experiências de fusão imaginária, como a que ocorre em certos grupamentos, que se representam como sistemas mais fechados, que protegem as relações intra-grupais por meio do acirramento das divergências inter-grupos.

Numa perspectiva que aborda o desenvolvimento do *self* em contexto (Branco e Valsiner, 2001; Bruner, 1997; Valsiner, 1998), torna-se importante investigar o impacto das formas contemporâneas de socialidade na formação subjetiva do adolescente. Assim, o objetivo deste trabalho é contribuir com a compreensão das relações entre subjetividade, alteridade e grupos, no processo de desenvolvimento social de adolescentes identificados com diferentes tribos urbanas presentes no cenário da capital federal.

Método

Foram realizadas entrevistas individuais com 20 sujeitos (11 do sexo feminino e 09 do masculino). Esses sujeitos foram abordados em diferentes regiões do DF, tendo em conta aspectos salientes de sua imagem estética, e foram entrevistados no próprio contexto da abordagem. O presente trabalho analisa narrativas extraídas destas entrevistas, as quais informam sobre os processos de significação dos adolescentes acerca de sua inserção social nos grupos de pares. Os participantes tinham, na quase totalidade, nível educacional secundário e se identificavam com grupos das mais diversas tendências. Eram moradores do Plano Piloto de Brasília e das cidades satélites, de nível sócio-econômico médio a baixo. As entrevistas duraram, em média, 25 minutos e os tópicos enfocados foram: (a) Tribos urbanas como contextos de desenvolvimento social; (b) Tribos urbanas como sistemas semióticos; (c) Identidade e

alteridade no contexto das tribos urbanas. As entrevistas realizadas foram transcritas na íntegra e submetidas à análise qualitativa interpretativa, considerando-se as narrativas dos participantes como produto significativo da situação dialógica inscrita em práticas sociais concretas (no caso, o contexto da rua, da situação de entrevista acadêmica etc.); e, ao mesmo tempo, como materializações do *self* em contexto, expressando suas diferentes posições subjetivas.

Inspiradas na perspectiva desenvolvida no trabalho de Dias (2004), as análises se deram em dois níveis: no *nível 01*, procedeu-se análise extensiva e horizontal de todas as entrevistas, com o objetivo de identificar, em relação ao conteúdo das respostas, aproximações e diferenças relativas à experiência social de cada um, tendo como pano de fundo tópicos relativos a gênero, faixa etária e inserção sócio-econômica. Consideraram-se aqui inclusive temas emergentes, não previstos entre os eixos de análise originais. No *nível 02*, operou-se a análise intensiva das narrativas dos entrevistados, buscando nelas núcleos de significação em relação aos objetivos do estudo, a saber, os processos de identificação e diferenciação na relação com pares de adolescentes urbanos contemporâneos.

Resultados

As tribos urbanas configuram importantes contextos de desenvolvimento social na adolescência. Sua estruturação ajuda a compreender como se articulam a experiência social de formação de tribos juvenis e os processos de construção de identidade e as relações de alteridade nessa fase do desenvolvimento humano. As análises do nível 01 apontam elementos e processos de subjetivação social compartilhados pelos que integram mesmo um contexto histórico-social, embora identificados com micro-contextos grupais diferenciados.

É possível notar que, em conformidade com Maffesoli (1992/2000) para quem a socialização tribal é o paradigma da socialidade contemporânea, o fenômeno das tribos é um forte elemento da constituição de identidade de todos os entrevistados. Em quase todas as referências identitárias apresentadas, o recurso a um desses grupos de pares na identificação ou

diferenciação de si foi adotado:

Tenho amigo de todo tipo e todos fazem parte de algum grupo: roqueiro, rappers, cawbóis (masc., 20).

Eu tenho amigos pagodeiros, tenho amigos death metals, outros são skatistas, eu me relaciono com todo tipo de gente (fem., 18).

É importante salientar, por outro lado, que a relação do adolescente com o grupo não é de fidelidade, como seria esperado em grupos contratuais. Se a autodefinição por meio de um grupo social parece ser a tônica, a livre circulação entre diferentes tendências, levando à migração de uma tribo à outra é algo mais frequente do que o esperado. A maior parte dos entrevistados indicou ter nutrido identificação com mais de um grupo ao longo da adolescência. Uma possibilidade é que a identidade definida a partir da imagem visual sirva de apoio ao adolescente numa fase do desenvolvimento em que sua imagem de si encontra-se em rápida mudança e crise.

É um equívoco também pensar que a adoção de um conjunto de marcas visuais que, olhadas de longe, remetem a determinado grupo, reflita a identificação com seus valores e demais elementos semióticos. As marcas de um grupo escapam à sua interioridade, são apropriadas por outros grupos, bem como pela moda e pelas mídias, podendo se converter em item de consumo, como vêm ocorrendo com tatuagens, *piercings* etc. (Pitombo, 2001). Sendo sistemas dinâmicos, altamente permeáveis ao social, as tribos encontram-se em constante permuta de influências com ele. Sua estruturação semiótica sofre influências de fatos sociais, de eventos históricos e de práticas sociais em voga. Muitos grupos, porém, ao perceberem que seus ícones visuais são objetos de imitação no contexto extra-grupal, os abandonam ou substituem, como forma de buscar preservar o senso de identidade grupal.

Outro aspecto notório das entrevistas é que para cada sujeito individual o significado do grupo parece mudar ao longo do curso da adolescência e juventude. Em geral, a partir da puberdade, o grupo passa a ter papel mais expressivo como fonte de referências identitárias. Essa influência diminui quando se aproxima a adolescência final.

É lícito pensar, como Cole e Cole (2003), que a transição do mundo da casa para o da rua, que marca o início da adolescência, transfira da família para o grupo o monitoramento do sujeito, o que justificaria, em certos casos, o papel coercitivo que esse último pode assumir na definição das pautas comportamentais dos sujeitos. Por outro lado, os próprios processos de desenvolvimento da adolescência, que concorrem para uma maior estabilização do *self* nos anos finais, contribuem para que um sentimento de autonomia em relação aos pares possa crescer. Esse foi um ponto comum entre os entrevistados mais velhos, já tendo entrado na terceira década de vida. Embora destacando a participação em grupos dessa espécie durante a própria adolescência, o significado de grupo foi subtraído na transição para a vida de trabalho ou do ensino superior:

Na minha adolescência eu andava com um grupo de capoeira, [...] todo mundo andava junto, rolava umas confissões às vezes. Quando eu cheguei aos 21 anos eu parei (masc. 24).

Diferenças quanto ao significado do grupo de pares também são identificadas quanto ao gênero. Embora hoje já não se encontre uma separação tão clara entre práticas sociais femininas e masculinas, já que grande parte dos contextos sociais é compartilhada por todos, independente do gênero, chamam a atenção as marcantes diferenças entre as tribos. Em primeiro lugar, os meninos parecem nutrir maior identificação com a socialidade tribal que meninas, o que resulta em maior número de grupos masculinos (*skatistas, roqueiros, punks, hip-hop*, entre outros) que femininos (*patricinhas, grupos de igreja*) ou mistos. Uma possível explicação é a relação estreita entre vida social e o espaço público ou espaço da rua. Em certa medida, parece perseverar em alguns desses grupos a associação conservadora entre o masculino e a rua e o feminino e a casa, tratada pelas autoras em outro trabalho (Camilo, Assunção, Fontoura e Oliveira, 2003).

Três das entrevistadas se expressam sobre o caráter masculino de certos grupos. Sobre os *punks*:

Porque vida de punk é meio junke! Nego não agüenta. Se você quer ser punk tem

que ‘ser’ punk! Você já viu uma comunidade punk? Não queira ir! Eu fui a uma em SP, o banheiro foi interditado pela vigilância sanitária. O banheiro de uma casa! Porque não tinha Cristo que lavasse aquele banheiro! Aí você já vê, né? Sei lá, mulher... limpinha e tal... Tem menina que não agüenta não (fem., 24).

Sobre o hip-hop, outras participantes dizem:

[Na dança de rua] *Mais homens. Porque a dança é muito difícil mesmo, tem muitas meninas que entram e saem ao mesmo tempo, porque realmente é muito difícil. E até mesmo a família, que te repreende, não deixa você fazer, porque se você tá andando assim, é porque é mala. E não é assim! Não é por aí.* (fem.19).

Ou ainda: *Fica um pouco aquele lance assim: “Eu, mulher, vou ficar sozinha no meio daquele bando de macho?” Às vezes rola um pouco disso* (fem., 18).

Os núcleos de sentido [*tem menina que não agüenta/tem meninas que entram e saem ao mesmo tempo/sozinha no meio daquele bando de macho*] informam sobre o lugar periférico do feminino nas tribos citadas, em que características masculinas como o vigor, a coragem e a (falta de) higiene tomam posição central.

Por outro lado, os grupamentos com predominância feminina contrariam a lógica dominante nos grupamentos juvenis e são limpos, circunscritos aos espaços privados em shoppings (*patricinhas, pessoal do RPG*) e igrejas (*grupos jovens, grupos de igreja*), e aliados ao consumo.

Finalmente, quanto à configuração sócio-econômica, a organização dos diferentes grupos apresenta-se híbrida. De um lado, um mesmo estilo pode encontrar adesão entre adolescentes de diferentes camadas sociais.

Hoje em dia há grande variação no poder aquisitivo de quem integra o movimento. Antigamente, gostar de hip hop, só para negro e bem pobre. Hoje em dia não, as pessoas de classe alta já patrocinam mais o hip hop, já estão mais inseridos no meio [masc., 20].

De outro, cada galera tende a aglutinar membros de origem social relativamente homogênea, como é expresso por esse sujeito identificado como “mauricinho”:

Eu e meus amigos gostamos de ir a bares bater papo, cafés, ir a boate mais raramente. Todos são vaidosos, ninguém é muito largadão. O nível social é parecido, todos moram mais ou menos perto. O modo de pensar é parecido: ter uma situação financeira boa, ser reconhecido na sua profissão, ser bem-sucedido, fazer um bom casamento. Sair, se divertir, estar sempre com os amigos (masc., 24).

Mas, conforme o contexto – e esse foi o caso dos locais públicos escolhidos para a realização das entrevistas deste estudo – pode-se encontrar uma ampla diversidade sócio-econômica nos sujeitos que compartilham elementos de identificação visual a uma mesma tribo.

Deste ponto em diante, reunimos elementos para passar aos resultados do nível 02 de análise.

(a) Tribos urbanas como contextos de desenvolvimento social

Nesse eixo, buscou-se caracterizar o impacto dos grupos de pares configurados como tribos urbanas nos processos de socialização do adolescente contemporâneo. Mais que a família, dentro e fora da escola o tempo do adolescente é compartilhado com outros adolescentes. Os temas emergentes nas entrevistas em decorrência do tópico foram: (1) grupo como segunda família; (2) amigos ou colegas de grupo? (3) tribo não é gangue; (4) tribo como contexto de experimentação de alternativas do *self*.

1. Grupo como segunda família (amigos, colegas, parceiros de grupo)

Muitos participantes afirmaram considerar seu grupo uma segunda família, ou seja, um contexto no qual encontram apoio, liberdade de expressão e aceitação de suas características pessoais. É importante notar também que a grande maioria dos entrevistados não conta com a estrutura de família nuclear, tendo sido a mãe a principal provedora até sua busca de autonomia financeira. Dessa forma, o grupo de pares assume, como a família, o papel de refe -

rência de identificação:

No nosso meio hip hop, a gente é como se fosse uma família. Tem o b-boy, o rapper, o

DJ e tem o grafiteiro. E cada um tá ajudando o outro: a gente que é b-boy tá aqui hoje, mas bem ali pode ter um DJ treinando bem ali na esquina, pode ter um MC cantando lá em outra cidade, mas quando a gente se junta, forma uma tribo só, que é a tribo do hip hop [masc., 20].

É melhor dizer que somos uma família [masc., 27].

Uma família é bem melhor, porque todo mundo é unido aqui. [masc., 27].

Uma família com estilos diferentes, mas todo mundo junto [fem., 19].

Nos exemplos, o modelo de família presente é o de um grupo com características positivas, unido, em que um ajuda o outro, em que cada um tem seu estilo, mas que quando se encontra forma uma tribo só. Mais do que uma família, as imagens remetem ao clã, uma formação social que não reflete as famílias concretas.

2. Amigos ou colegas de grupo?

O contexto social representado pela tribo parece atender à característica de ampliação da rede social do adolescente, enriquecendo suas oportunidades de ação e experimentação no contexto extra-familiar, sob o suporte do grupo. Contudo, os participantes estabeleceram clara distinção entre a socialidade do grupo, comparada ao coleguismo, ou à proximidade, em termos de Maffesoli:

Porque eu tenho muitos amigos punks, tem também a galera² do trance, tem a galera do house. Mas tb eu me dou bem com todo mundo e ando com todo mundo, eu divido bem isso [fem., 27].

Eu acho que não tem um grupo fechado, Se você for olhar, eu, por exemplo: eu ando pregada com todo mundo! Tem dia

que eu tô com os punks, tem dia que eu tô c/ os góticos, com os trance, então dá, claro! [fem., 27].

A gente se reúne em prol de um objetivo comum, que é dançar, mostrar o nosso trabalho. A gente é amigo mas não tem um contato tão forte, de ir um para casa do outro, porque a gente está voltado para esse objetivo comum, que é a dança, então a gente se vê mais nos ensaios. Outros amigos que eu tenho são mais apegados, mas não forma um grupo, são amigos de diferentes lugares [fem., 19].

Eu escolho a dedo quem eu vou levar, porque a gente fala amigos, mas nem sempre é amigo íntimo mesmo, são colegas. A Luc mesmo, e olhe lá. [fem., 19].

Em outros termos são caracterizadas as verdadeiras amizades, que muitas vezes estão fora desses grupos ou abrangem apenas uma parte dele:

Mais próximo mesmo, de amigo, amigo mesmo que eu tenho são só 2 pessoas, que eu considero. Não chega a ser um grupo[...] O Tim³, que é esse menino c/ quem eu moro e trabalho, a gente se conhece há 8 anos. E tem uma outra amiga minha que é tipo, desde os 15 anos. Que são os dois que eu considero mesmo [fem., 27].

3. Tribo não é gangue!

Na perspectiva de melhor compreender o significado dos agrupamentos para os envolvidos, perguntou-se a diferença entre as tribos e outras formas de agrupamento juvenil, tais como as galeras e as gangues. Na visão que passa as falas, a tribo é caracterizada como um conjunto de pessoas que se unem em torno de idéias, mas que não precisam ter um objetivo comum:

Por exemplo, tem um grupo de roqueiros, de skatistas, de breakers, de grafiteiros e assim vai [...] E TRIBO já não, o próprio nome já é mais light: a galera sai para balada, dançar, se divertir [fem., 19].

Acho que a tribo já é mais para caracterizar as pessoas que querem fazer, de

2. Usamos o termo galera aqui como representando um subgrupo da tribo, ou seja, os adeptos de um mesmo estilo de sociabilidade e que provêm da mesma escola, quadra residencial, região de moradia ou camada social. As galeras de uma tribo frequentemente – mas não necessariamente – se conhecem e se encontram em eventos e festas abertas, mas podem ser fechadas em relação aos demais.

3. Todas as referências a pessoas são feitas por meio de nomes fictícios.

um movimento, uma coisa que todo mundo vê distorcido e tentar passar uma coisa positiva [fem., 19].

É reconhecido também que cada tribo tem uma imagem específica:

Você chega na cidade e já vê alguém com a camisa do grupo tal, aí você já sabe que é daquela galera [...] Ainda mais quando você participa de uma tribo você tem que andar com o mesmo estilo dos caras. Mesmo que você não tem dinheiro, sei lá, você vai lavar a roupa dos outros para Ter aquilo. Pô, tem que Ter um coletinho, todas as meninas tem! Pô, tem que Ter um cadarço grosso, todo mundo tem, porque eu não vou ter? [fem.,19].

Já em relação às gangues, ocorrem associações com a falta de comprometimento, a “curtição”, como também com a prática da violência:

Enfim, a galera se reúne para zoar, em busca de curtição. GANGUE é aquela galera que... assim, depende muito porque, talvez eu possa estar equivocada, mas eu acho que é uma galera que está mais voltada para zoar mesmo, na noite, na balada. Mesmo que não seja para sacanear ou tirar um joguinho, maltratar alguém, botar fogo em alguém na rua, entendeu? [fem., 19].

Agora gangue, nego já sai para caçar confusão, roubar, essas coisas [fem., 27].

(b) Tribo como contexto de experimentação de alternativas do *self*.

O grupo de pares parece constituir um contexto interativo com regras menos rígidas que as da família de origem, que se oferece como contexto de experimentação, concedendo ao adolescente ensaiar alternativas subjetivas, com maior margem de possibilidades que as oferecidas pela família. Ao mesmo tempo, os códigos semióticos do agrupamento não deixam de atuar no enquadramento (*constraint*) da ação individual dos membros (Valsiner, 1998).

Dessa forma, o contexto do grupo – zoar, curtir, caçar confusão – tanto pode propiciar a vivência da moratória social (Erikson, 1987), como pode promover ações transgressi-

vas e de risco. Eventualmente, também, contribui para a formulação de ações afirmativas, voltadas ao fortalecimento da comunidade e à crítica e transformação da realidade social. Como exemplo das duas primeiras situações, temos as seguintes narrativas:

É uma fase de transformação, você está saindo da infância e entrando na idade adulta. Sei lá, você quer descobrir tanta coisa ao mesmo tempo! (...) tem fase que você só quer ir para festa, só quer zoar. Outras você está a fim de estudar. (...) Somos a geração se correr o bicho pega, se ficar o bicho come! [fem., 19].

O não-lugar do jovem na sociedade contemporânea, e que cria o contexto da moratória, é bem assinalado pela entrevistada: *se correr o bicho pega, se ficar o bicho come!* A estreiteza do horizonte de possibilidades dadas ao jovem é o que mais contribui para que o grupo se converta em contexto privilegiado para o ócio ou mesmo para as práticas transgressivas, nas quais se destaca o consumo de álcool e drogas:

A gente bebe! [risos] Às vezes combina em casa para ficar brincando de viradinha de copo, jogando carta. Ou então a gente vai pro G., né? Esses barzinhos, assim... Curtir as festas, ir para os festivais. [...] As trance mesmo, três dias acampados no meio do mato só ouvindo trance. A gente fica mais em casa, assistindo filme, falando besteira! [fem., 27].
Divertir eles se divertem tirando sarro, usando drogas, é uma coisa muito destrutiva para a juventude [...]... quando o grupo tem uma intenção boa, é muito bom! Mas, junta assim, uma pessoa totalmente tímida, mas quando não junta com pessoas que tem coisas legais para elaborar, acaba dando no quê: “Ah, beleza, vamos matar o índio Galdino aqui em baixo!” É isso que rola! [masc, 23].

Quando sai para divertir? Só besteira, não sai nada que preste [fem, 27].

Já como exemplo do grupo atuando de forma pró-ativa, capitalizando o esforço individual na promoção de ações comunitárias, temos os seguintes extratos:

A gente partiu da idéia de parar de reclamar para pensar no que a gente pode fazer para chamar a atenção de outras cidades para Planaltina. Ah, Planaltina tem campeonato de skate, de bike, rola showzinho, lá tem bares legais. E também tentar diminuir a violência, que está aumentando por lá. (...) Lá também tem muita coisa boa, muitos artistas. Malabaristas, artistas plásticos, cantores, músicos [masc., 23].

Tem o projeto do J., que rolou um tempo atrás, ensinando às crianças técnicas de malabares, perna de pau, essas coisas. Tem 4 anos que eu dou aula de grafite, eu trabalho como arte educador e tem outras pessoas monitorando pintura em tecido, em camisetas.(...) Por menos que a gente esteja fazendo, mesmo que saia do nosso bolso, tá fazendo a mudança. E o governo não conhece, a sociedade não conhece, vai conhecer só o índice. (...) Essa forma de ser divertir, porque vai dançar onde? Isso é necessário, lazer é necessário. (...) Então o que acontece? A gente cria as nossas próprias culturas! [masc., 27].

Esses exemplos deixam transparecer que o vínculo grupal pode atuar como motor para a transformação social. A cidade satélite de Planaltina é uma das mais antigas do DF, com vários sítios históricos e, hoje, uma de suas regiões mais violentas. As ações do grupo em foco buscam contribuir para a imagem social positiva da comunidade no cenário do DF, mesmo sem poder contar com apoio público para isto. A fim de promover eventos culturais, esportivos e de lazer que contribuam para a diminuição da violência local, o grupo investe do próprio bolso ou conta com pequenos patrocinadores da comunidade. A relação intrínseca entre a força do grupo e o senso de realização é expressa assim:

Todo mundo aqui busca o crescimento, então é um ajudando o outro. Então não tem essa história: um anda de skate, outro de patins, um grafita e assim vai indo. A gente quer é que aconteça

[masc.,26].

(c) Tribos urbanas como sistemas semióticos:

As respostas apresentadas à questão “o que caracteriza uma tribo” permitem identificar três elementos cujo compartilhamento entre os membros vai permitir identificar os sistemas semióticos que caracterizam os grupos: (1) imagem estética; (2) práticas de lazer; e (3) estilo musical.

1. Imagem estética

A adoção de uma imagem estética compartilhada como elemento definidor da imagem do grupo foi algo muito presente na fala dos entrevistados:

[O que caracteriza um grupo], na maioria das vezes, a forma de vestir e o modo de falar. Você olha, o cara é malandro, aquele é mauricinho e assim vai” (masc., 20).

... as pessoas se caracterizam no grupo pelas roupas. Se não faz parte de tribo, ela é normal, usa calça jeans, é um guf. Ela é uma pessoa que não é nada, não faz parte de tribo nenhuma” (fem., 15).

Vê-se que não basta os integrantes da tribo terem um visual semelhante entre si, é necessário ser diferente dos demais. Não compartilhar essa imagem é ser normal, ou, “não ser nada”. Essa idéia é defendida por outra entrevistada:

Tem uma multidão e você já vê um cara de boné, cadarço grosso, meio largadão e pensa que o cara já pode ser um b-boy, um rapper ou então um skatista. Agora, você vê vários caras engravatados, como você vai julgar quem é quem? Ali tem uns skatistas, eles tem um jeito de b-boy, de quem dança, entendeu? [fem., 19].

Só que no começo eu pensei: “Ah, não vou ficar usando essas roupas não, vou usar meu estilo normal!” Só que aí se você não estiver com a roupa, ninguém nunca vai dizer: “Ela é uma b-girl ou ele é um b-boy!” [fem., 19].

A adesão aos elementos da imagem compartilhada pelo grupo e a tensão que se estabelece entre a auto-imagem individual e aquela do grupo, presentes nas seqüências acima, são também expressas aqui:

Às vezes vira assim: “Eu quero que as

peças me vejam como um indivíduo!” Mas aí vai lá e compra a camiseta que todo mundo está usando! Você quer ser diferente usando o visual do outro. Aí rola também muito aquele consumismo de roupa de marca: “Ah, tem que ser roupinha de marca!” Então, as pessoas estão sempre buscando. Uma busca por ser preenchido, por um estilo, por ser reconhecido mais pelo visual do que pelo o que ela é, pelo o que ela sente. Às vezes, tem medo de se expor, de passar o que tem de bom e fica ligado só ao visual. Isso é muito consumista! [fem., 20]. Acho que a roupa é muito importante, por conta daquele lance que eu estava falando sobre o adolescente ser consumista. Porque ele quer ter uma imagem, ele quer ser notado! Essa é a grande verdade! Porque ninguém quer passar despercebido, então a pessoa fica sempre naquela busca de estar acrescentando algo diferente no seu visual para ser notado.

Alguns temas centrais são apresentados acima os quais, para além da discussão dos grupos de pares, contribuem para a reflexão sobre o desenvolvimento da subjetividade na adolescência contemporânea, nucleado em torno da imagem visual. Entre outros, os temas da singularidade do *self* (usar meu estilo normal/não ser reconhecido; eu quero que as pessoas me vejam como um indivíduo/comprar a camiseta que todo mundo está usando; ser diferente usando o visual do outro; querer ser notado); e da formação da identidade em torno das práticas de consumo (roupa de marca; busca de estar acrescentando algo ao seu visual).

2. A identificação em torno das práticas de lazer

O compartilhamento do gosto pelas mesmas atividades sociais, esportivas e de lazer é uma marca importante da socialidade dos grupos urbanos de adolescentes. Algumas narrativas exploram essa idéia:

Ando de skate, eu considero uma tribo [masc., 16];

Às vezes combina em casa para ficar brincando de viradinha de copo, jogando carta. Ou então a gente vai pro G., né? Esses barzinhos, assim... Curtir as festas, ir para os festivais [fem., 27].

Uma [alternativa de lazer] é o movimento aqui no Conic, os encontros no sábado. Tem muitas festas também: Da Bomb, Lapa, o DJ Celsão, tem muita festa no Lago Sul. Em Taguatinga também, no Pistão. Tem muitas festas voltadas só para esse público. Mas onde a gente mais se encontra é festa mesmo. O pessoal da Pró-vinil, o Celsão mesmo [fem., 19].

A gente gosta de sair, (...) tanto para festas de música eletrônica quanto para showzinhos de rock. A conversa, os gostos são parecidos. Não gosto por música, mas por outras coisas, como hobbies. Tocar algum instrumento musical ou... Engraçado, no final das contas tudo acaba em gosto musical! [masc., 17].

As narrativas aqui apresentadas acompanham a descrição das tribos urbanas elaborada por Maffesoli, como comunidades empáticas, organizadas em torno do compartilhamento de gostos e cujos vínculos perduram enquanto se mantém o interesse pela atividade. Frequentar os mesmos bares e tipos de eventos sociais, ou apreciar o mesmo estilo de música, são os fatores que sustentam o sentimento de comunalidade. O tópico da música, tal como transparece na última fala anterior, tem especial importância.

3. A preferência por um mesmo estilo musical.

Mas o que caracteriza mesmo é a música, é a música que está mais presente [fem, 17].

Pelo menos os amigos que eu tenho, é interesse pela música, pela arte. Mas que nem naquela história do metaleiro e da patricinha: não, a gente ouve todo tipo de música, somos ecléticos. Nós ouvimos MPB, pop tb, e nós temos esse envolvimento com a música, com a arte, é sobre o que nós gostamos de conversar, de sair para se divertir. São encontros mais saudáveis, sabe? E geralmente programas mais culturais, arte, música, dança [fem, 18].

A mesma entrevistada complementa: *Eu acho que os gostos. Além daquele visual em comum, tem a questão dos gostos, do que você gosta de ouvir, marca muito. Por exemplo: pagodeiro e metaleiro, os nomes vêm já do*

gosto musical da pessoa, além do visual da pessoa. Então é o que você gosta de fazer, o que você gosta de ouvir, os lugares que você frequenta, acho que definem mais ou menos você ser de uma tribo ou outra [fem., 18].

É certo que as práticas de lazer também acabam por manter estreita interdependência com a música. Estudos como o de Dayrell (2002), Lima (2002) e Schwartz (2002) têm explorado o papel central da música na formação da identidade social do adolescente. Nessa direção, é importante notar que movimentos culturais decorrentes da globalização têm contribuído para a homogeneização estética da música pop, sob a hegemonia da música norte-americana, bem como para a aceleração da circulação dos signos musicais (via cd's, internet e outras mídias), o que contribui para igualar a experiência adolescente em diferentes contextos socioculturais.

(d) Identidade e alteridade no contexto das tribos urbanas

O que está em jogo nessa dimensão de análise é a relação de autonomia ou heteronomia entre os sujeitos e seus grupos de referência.

1. Da relação sujeito-grupo:

O grau de autonomia entre o sujeito e o grupo é o cerne da discussão do papel das tribos na formação da identidade na adolescência. O *self* adolescente, no caminho para a consolidação de uma matriz identitária mais estável, revive por um tempo a condição de fusão interpessoal, de diluição de si no outro, típica dos primeiros tempos da infância. Sendo que o grupo de pares representa um "outro privilegiado" para o adolescente típico, muitas vezes a identidade pessoal se funde com a imagem grupal:

Eu vivo o Punk, as minhas atitudes, o modo de ver as coisas, é Punk. Eu vivo o Punk há 2 anos [masc.,16].

Ainda mais quando você participa de uma tribo, você tem que andar com o mesmo estilo dos caras. Mesmo que você não tem dinheiro, sei lá, você vai lavar roupa dos outros para ter aquilo. Pó, tem que ter um coletinho, todas as meninas têm. Tem que ter um cadarço grosso, todo mundo tem porque eu não vou

ter? [fem., 19].

Esta tendência para a fusão se alterna, embora com menor frequência, com movimentos de diferenciação, em que a autonomia subjetiva é reafirmada:

Eu quero que as pessoas me vejam como um indivíduo!" Mas aí vai lá e compra a camiseta que todo mundo está usando! Você quer ser diferente usando o visual do outro [fem., 20].

Só que no começo eu pensei: Ah, não vou ficar usando essas roupas não, vou usar meu estilo normal! [fem., 19].

2. Relação entre diferentes grupos

O que permite definir as fronteiras simbólicas de determinada tribo urbana é o produto da interação entre a imagem que ela faz de si e a imagem que a sociedade faz dela, talhadas ao mesmo tempo em torno de elementos internos ao grupo e da diferenciação inter-grupos. É possível identificar na dinâmica social das tribos um jogo entre igualdade e diferença, entre consolidar a identidade interna homogeneizando os membros, e afastar tudo o que representa o outro, o diferente. Nesse processo dialético, testemunha-se uma tendência à fragmentação dos grupos, dando origem a novos grupamentos sempre que movimentos de diferenciação emergem no interior dos grupos. Tudo leva a crer que, em face desses movimentos, as diferenças não são negociadas ou incorporadas, mas negadas, lançadas para fora, gerando a cada vez novos grupos, até o ponto do "grupo do eu sozinho", alimentado pelo individualismo (Coutinho, 2001):

O meu grupo sou eu mesmo [masc. 20].

Considero-me patricinha, mas no meu conceito de paty [fem.,15].

Parecem desconsiderar que a ambiência sociocultural comum, que media as diferentes manifestações grupais, confere quadros de referência comuns aos diferentes grupos. Como consequência, também a fronteira entre a interioridade do grupo e a exterioridade da realidade é congelada, o grupo parecendo constituir, no plano imaginário, um feudo, uma proteção contra os aspectos estranhos ou ameaçadores do real.

Questionados sobre a tribo da qual jamais seriam integrantes, sujeitos identificados com diferentes grupos tiveram respostas bas-

tante aproximadas quanto ao conteúdo: não seriam integrantes de tribos envolvidas com drogas:

[Nunca faria parte] *dos Grunges, pois mexem com drogas* (fem., 15).

Que usam drogas. É um caminho sem volta. Nunca vou usar (fem., 17).

[Não ando com] *Quem usa drogas* (masc., 21).

O que se deve ter claro é que, para além do aspecto afirmativo de se manter distante de práticas sociais que colocam em risco a saúde e a integridade, como é o caso da droga, o que está em jogo é a dimensão moral da compreensão dos entrevistados acerca de sua inserção social, pela qual “o mal é o outro”, portanto, o de fora, o estrangeiro, o não-eu.

Esse eterno fracionamento resulta em que os sujeitos deixam de definir os grupos pelo que expressam ou representam, passando a caracterizá-los às avessas, por meio daquilo que eles não são. É mais fácil reconhecer a alteridade: características subjetivas, idéias, posturas e valores que não são aceitáveis entre os membros. Porém, perde-se a clareza dos aspectos valorados pelo grupo e que ele buscaria preservar:

[H]á um pensamento geral contra os pagodeiros, pois suas músicas são muito agressivas; os playboys têm uma imagem muito deturpada do grupo dos Rockeiros (fem.,15).

Nesse movimento, diferenças muito sutis entre estilos são supervalorizadas e convertidas em fator absoluto de diferenciação. Em certos casos, são convertidas em justificativa para a intolerância, que pode se expressar exclusivamente no plano das relações simbólicas:

Movimentos separatistas: clubs que lutam muito com os skatistas. Pagodeiros, roqueiros. Na música, divide muito”; [ouvimos] apenas músicas feitas por punks (hardcore, por exemplo) [masc.16].

Acho, por exemplo, ridículo roqueiro usando visual punk, não é só a roupa que diz que uma pessoa é de um grupo” [...] eu vivo o Punk, as minhas atitudes, o modo de ver as coisas, é Punk. Eu vivo o Punk há 2 anos [masc.,16].

Bodinho a gente chama quem é filhinho

de papai. Eles vêem a gente na rua, se tiver como eles virar, eles já viram e nem dá assunto para a gente [masc., 18].

Entretanto, a intolerância pode assumir a forma de violência real, que se explicita na hostilidade e rivalização, geradoras de conflitos entre grupos:

Os caras que escutam reggae, cheio de enfeite. Ficam querendo ser os bonzão, mas não agüentam nada. Malandro. Anda armado. Começa a mexer com a gente, aí a gente quebra eles e eles voltam com revólver [masc., 16];

Nós andando de patins somos os rockets [...] Têm skatistas que não gostam que a gente ande com eles. Se a gente se encontrar com eles, eles não gostam e dá confusão. Tem uns skatista que são gente boa, a gente conversa com eles e eles com nós. [...] Os mais “pregos” são os daqui do Plano. Tiram onda. Tem o Bancário. Se a gente for lá, eles ficam mexendo com a gente, puxando briga. Quando era os Kamikazes, o grupo era grande, não mexiam com a gente, de vez em quando dava “choque” [masc., 18].

Punk brigando, punk voando, careca batendo em todo mundo, homem, mulher, avó, todo mundo que entrava no meio estava apanhando. E do nada! [fem., 27].

Porrada, garrafa pra todo lado[...] Teve até uma amiga minha que não teve nada a ver e veio para o [nome de uma instituição de privação de liberdade do DF]. Assim, o policial não quer nem saber quem começou! Já chega logo batendo, então você não tem muita reação, que na hora da porrada você não vai parar para discutir quem está certo e quem está errado. Você vai ajudar os seus amigos, sua gangue a sua tribo [fem., 19].

Mais uma vez, nessas seqüências narrativas, transparece a idéia de que a conservação da unidade interna do grupo, necessária à proteção de sua estrutura, depende do ataque ao outro, todo aquele que é representado como sendo “de fora”.

Discussão e considerações finais

As análises apresentadas acima procuraram expressar com que intensidade os grupos de pares de adolescentes e jovens em contextos urbanos contemporâneos vêm atuando na produção de um certo modo de subjetivação das novas gerações. Essa subjetividade hegemônica é constituída por relações da ordem do imaginário, pela fragilidade das referências simbólicas e pela proteção contra essa carência de simbólico pela identificação irrestrita com o imaginário do grupo, construído com base em elementos estéticos e de estilos de vida e lazer.

A reflexão acerca desses processos constitui uma tarefa importante no caminho de uma compreensão mais apurada do desenvolvimento humano na contemporaneidade, devendo ser incorporada pelos que atuam no planejamento e implementação de intervenções sociais no campo da adolescência e juventude.

Entretanto, é importante que se tenha clareza de que, atravessando essas linhas hegemônicas de desenvolvimento sociocultural, outras linhas divergentes se apresentam, propiciando estratégias de ressignificação desse modo hegemônico em que a presente ordem sociocultural inscreve o adolecer e contribuindo para que novas pautas de desenvolvimento sejam possíveis.

A análise do material acima revela pistas sutis que ajudam a avançar nessa direção. Um ponto digno de nota, nesse caminho, é a identificação, na narrativa dos entrevistados, de indicadores para pensar outros modelos de socialidade alternativos às tribos. Estes modelos prescindem da fusão imaginária, de uma identidade social fundada na imagem visual e nas práticas de consumo, e vem contribuir para consolidar outros modos de interação nos grupos de pares.

Neles se resgata uma posição subjetiva mais ativa dos adolescentes, alternativamente à indistinção sujeito/grupos. Essa posição parece mais coerente tanto com o modelo de identidade proposto por Hall (2000; 2002), baseado na perspectiva da diferenciação, quanto com o de Harré e Gillet (1999), que destacam a intencionalidade e autonomia.

A superação desse modo de socialidade necessita, da mesma forma, ser acompanhada de uma profunda reflexão da sociedade e do Estado sobre o papel representado pela juven-

tude no projeto de desenvolvimento social que se almeja. O panorama sócio-político em que nos encontramos parece-me especialmente favorável a esse tipo de reflexão. Precisamos enfrentá-la, assumindo que a dificuldade dos adolescentes e jovens de tornar as interações no contexto dos grupos de pares espaços de criação, superação e transformação, no plano pessoal e social é diretamente relacionada à histórica falta de perspectivas a que a sociedade relega o jovem. Em consequência desse lugar inexpressivo em que são inseridos, eles por sua vez falham em se sentir verdadeiros atores sociais, co-responsáveis pela realidade socio-cultural que compartilham, oscilando entre as posições à margem, como vítimas, ou, eventualmente, como algozes da sociedade.

Referências bibliográficas

- Abramovay, M.; Waiselfisz, J.; Andrade, C. e Rua, M. G. (1999). *Gangues, galeras, chegados e rappers*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Branco, A.U. e Valsiner, J. (1999). A questão do método na Psicologia do Desenvolvimento: uma perspectiva co-construtivista. Em: M. G. T. Paz e Tamayo. *Escola, trabalho e saúde*. Brasília: EDUnB
- Brown, B.B; Larson, R. W. e. Saraswathi, T. S. (2002). *The world of youth: adolescence in eight regions of the globe*. New York: Cambridge University Press
- Bruner, Jerome (1997). *Atos de Significação*. Porto Alegre: Artmed.
- Camilo A.A, Assunção, C.V., Fontoura, L.P. e Oliveira, M.C.S.L. (2003). *Punks e patricinhas: espaços urbanos e adolescência*. I Congresso Brasileiro Psicologia: ciência e profissão, São Paulo.
- Canclini, N. G. (1996). *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Castro, L. R. (1998). "Estetização do corpo: identificação e pertencimento na contemporaneidade". Em L. R. Castro (Org.), *Infância e adolescência na cultura do consumo*. Rio de Janeiro: Nau.
- Cole, M. e Cole, S. (2003). *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Coutinho, L. G. (2001). *Da metáfora paterna à metonímia das tribos: um estudo psica-*

- nalítico sobre as tribos urbanas e as novas configurações do individualismo.*
 Url: <http://www.rubedo.psc.br/Artigos/tribus.htm>. Acesso em 08 de setembro de 2004.
- Dayrell, J. (2002). O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, 28 (1), 2.11.
- Dias, C. M. S. B. e Tróccoli, B. T. (1999). Lócus de Controle Materno, Satisfação com a vida e Relacionamento com o filho Adolescente. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15, (3), 209-218.
- Dias, S. S. (2004). *O sujeito por trás do rótulo: significações de si em narrativas de estudantes de ensino médio com indicação de deficiência mental*. Dissertação de mestrado não-publicada. Universidade de Brasília.
- Erikson, E. (1987). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: LTC.
- Grotevant, H. D.; Thorbecke, W. L. e Meyer, M. L. (1982). An extension of Marcia's Identity Status Interview into the interpersonal domain. *Journal of Youth and Adolescence*, 11, 33-47.
- Gonçalves, F. N. (1999). Hedonismo e ethos contemporâneo: o fenômeno das "rave" parties. Em Rubim, Bentz e Pinto (1999) *Comunicação e sociabilidade nas culturas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes.
- Hall, S. (2002/1992). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DPeA.
- Hall, Stuart (2000). "Who needs "identity"?" Em P. du Gay; J. Evans e P. Redman. *Identity: a reader*. Londres: Sage.
- Harré, R. e Gillet, G. (1999/1994). *A mente discursiva: os avanços na ciência cognitiva*. Porto Alegre: Artmed.
- Hartup, W. W. (1996). Cooperation, close relationships and cognitive development. Em W. M. Bukowsky; A. F. Newcombe e W. W. Hartup (eds.), *The company they keep: friendship in childhood and adolescence*. Cambridge: Cambridge University Press
- Herschmann, M. M. (1995). Música jovem e violência na cultura urbana carioca - O hip-hop invade a cena. Em J. Braga; S. Porto e A. Neto. *A encenação dos sentidos: mídia, cultura e política*. Rio de Janeiro: Diadorim.
- Laird, R. D.; Petit, G. S.; Dodge, K. A. e Bates, J. E. (1999). Best friendships, group relationships, and antisocial behavior in early adolescence. *The Journal of Early Adolescence*, 19, 413 - 437.
- Lashbrook, Jeffrey T. (2000) Fitting in: exploring the emotional dimension of adolescent peer pressure. *Adolescence*, 35 (140), 747-757.
- Lima, A. (2002). Funkeiros, timbaleiros e pagodeiros: notas sobre a música negra e juventude na cidade de Salvador. *Cad. CEDES*, 22 (57), Campinas, ago. 2002.
- Madrid, C. M. (2001). Tribus urbanas en Santiago de Chile: entre ritos y consumos. Em S. D. Burak, *Adolescencia y juventud en América Latina*. Cartago: L.U.R.
- Margulis, M. (2001). Juventud: una aproximación conceptual. Em S. D. Burak. *Adolescencia y juventud en América Latina*. Cartago: L.U.R.
- Maffesoli, M. (2000). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Marques, J. (1996). Estilos de relações interpessoais na adolescência. *Psico*, 27, (1), 23-27.
- Preto, N.G. (1994). Transformações do sistema familiar na adolescência. Em N. G. Preto. *Ciclo de vida em terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pitombo, R. (2001). A moda enquanto manifestação simbólica. *Correio Brasiliense*, Brasília, 25 de fevereiro de 2001.
- Santrock, John (2003). *Adolescência*. Rio de Janeiro: LTC
- Sarlo, B. (1997). *Cenas da vida pós-moderna*. Rio de Janeiro: UFRJ
- Schwartz, K. (2002). Music preferences, personality style and developmental issues of adolescents. *Journal of Youth Ministry*, Spring, 2002.
- Ungar, M. T. (2000). The myth of peer pressure. *Adolescence*, 35 (137), 167-180.
- Valsiner, M. (1998). *The guided mind: a sociogenetic approach to personality*. Cambridge, MA: Harvard University Press.